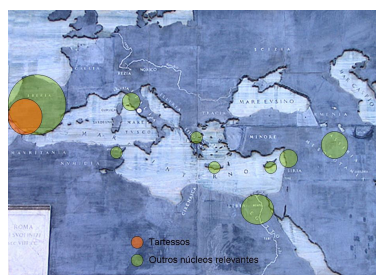


MUSEU IBÉRICO DE ARQUEOLOGIA E ARTE DE ABRANTES

Relatório de identificação preliminar dos principais núcleos expositivos potenciais

(reconhecimento dos pontos fortes e fracos da colecção
e forma de os articular e complementar)



Expressão geográfica da Colecção Estrada (excepto Extremo Oriente)

Luiz Oosterbeek

Abrantes, Dezembro de 2007

Título: MUSEU IBÉRICO DE ARQUEOLOGIA E ARTE DE ABRANTES. Relatório de identificação preliminar dos principais núcleos expositivos potenciais

Autor: Luiz Oosterbeek

(manuscrito dactilografado, elaborado para a Câmara Municipal de Abrantes em Dezembro de 2007)

MUSEU IBÉRICO DE ARQUEOLOGIA E ARTE DE ABRANTES

Relatório de identificação preliminar dos principais núcleos expositivos potenciais

Luiz Oosterbeek

*A mente humana é intangível, uma abstração. (...)
Um total de 6 milhões de anos de evolução
separam as mentes dos homens modernos das dos chimpanzés.
É esse período de 6 milhões de anos que encerra a chave
para compreender a mente moderna.
S. MITHEN (1996)*

Introdução

A “Colecção Estrada”, que constituirá o conjunto principal do futuro Museu Ibérico de Arqueologia e Arte, é um acervo que se caracteriza pela conjugação da raridade de grande parte das peças com uma grande coerência de núcleos histórico-arqueológicos.

Trata-se de um acervo de relevância internacional, que possibilita, globalmente, a construção de um discurso museográfico que permitirá explicar e propiciar o debate sobre a génese das identidades culturais no Ocidente, e em especial no Sudoeste, da Península Ibérica, ao mesmo tempo que as consegue integrar nos seus contextos coevos, mediterrânicos. Sumariamente, pode-se esperar que o MIAA venha a ser o principal pólo museológico para a compreensão desses processos, em especial ao longo do I milénio antes de Cristo, contextualizando-os sincrónica e diacronicamente.

O conteúdo conceptual deste relatório foi elaborado por solicitação inicial do Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira, com o qual o signatário se encontra a colaborar. Nesse sentido, a linha estratégica deve ser

entendida no âmbito desse trabalho de equipa e como expressão de uma reflexão conjunta*, ainda que o signatário assuma, como é óbvio, toda a responsabilidade pelo texto concreto que ora se apresenta. Cabe igualmente registar a colaboração dos arqueólogos Davide Delfino e Gustavo Porto Carrero que, sob nossa orientação, têm estado a proceder ao inventário da colecção.

O presente relatório é elaborado quando o inventário ainda não foi concluído, mas após uma primeira abordagem das colecções e busca de referências mais significativas. Sem prejuízo de ajustamentos que se terão de realizar até à abertura do Museu, é já possível realizar uma primeira definição dos principais conjuntos significativos.

O quadro Histórico

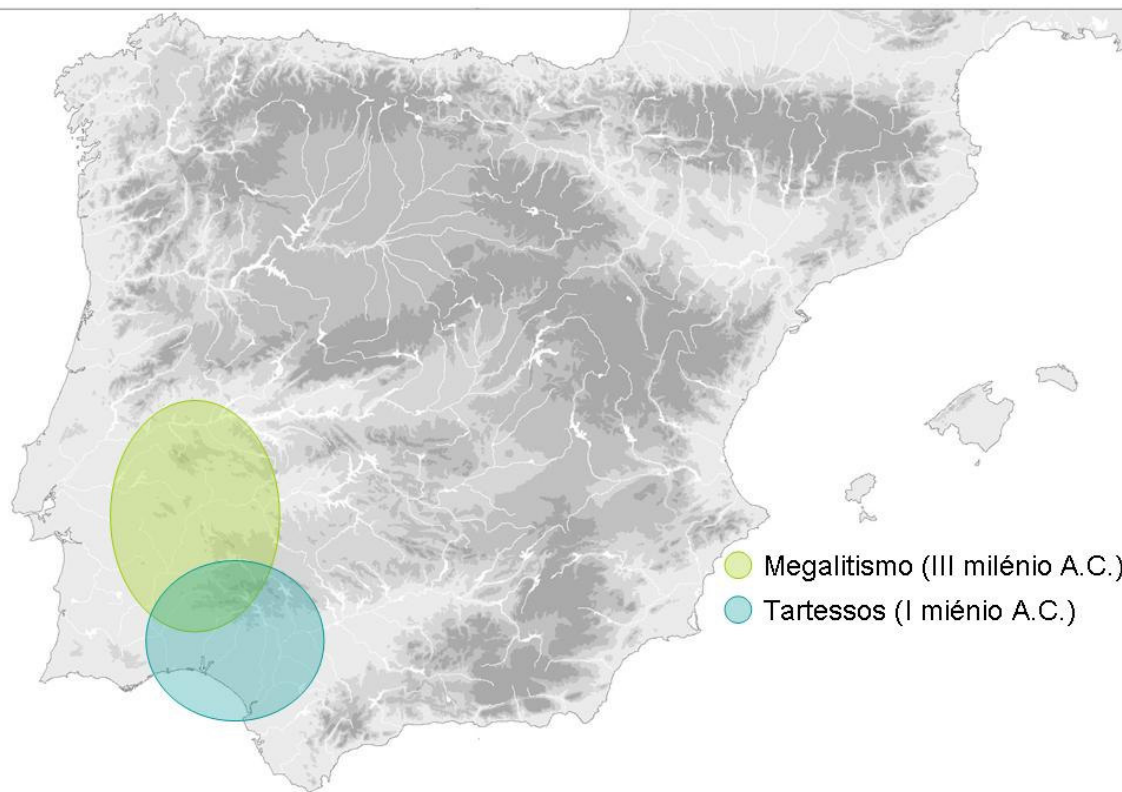
A Colecção Estrada centrada em colecções provenientes do Sudoeste Peninsular, ainda que incorpore igualmente importantes núcleos de outras regiões.

Do ponto de vista da evolução do povoamento, este amplo território começa a ganhar coerência com a emergência do megalitismo, a partir do IV milénio A.C. O megalitismo corresponde à estruturação das primeiras redes de intercâmbios intra-peninsulares, sobretudo em torno das bacias do Tejo-Sado e do Guadiana. Esta região que, como se verá, possui uma apreciável coerência geomorfológica, constitui a área chave para compreender, em distintos momentos da História, a articulação entre os mundos Mediterrânico e Atlântico.

O núcleo dominante da Colecção é associável ao período Orientalizante e , em particular, ao mundo tartéssico, encerrando elemento profundamente inéditos e sem correspondência nos registos arqueológicos até esta data publicados. Tartessos emerge, com efeito, como uma segunda rede de povoamento que, a partir da transição para o I milénio A.C., capitaliza as antigas redes de intercâmbio e as integra num único sistema hierarquizado,

* O relatório acompanha, em particular, a orientação definida no “Documento programático preliminar sobre a missão e a vocação do Museu Ibérico de Arqueologia e Arte de Abrantes e sobre a distribuição funcional e espacial que irá presidir à sua implantação no convento de s. Domingos”.

por sua vez articulado com os sistemas de poder e comércio que caracterizavam o mundo Mediterrâneo na primeira metade do I milênio A.C.



A formação do Sudoeste: áreas nucleares do megalitismo e de Tartessos

O Sudoeste, como unidade histórica, apoia-se na geomorfologia mas é um produto das dinâmicas humanas. É esta unidade entre o Tejo e o Guadiana que os Romanos irão reconhecer na definição da Lusitânia, tendo então optado por a separar do vale do Guadalquivir que, no entanto, a ela se poderia ter agregado.

O quadro Geográfico

O Mediterrâneo é um mar que se pode caracterizar, sumariamente, por uma costa recortada, onde se destacam cinco grandes penínsulas: as penínsulas Ibérica, Itálica e Helénica a Norte, a península Turca a Leste e a península maghrebina a Sul. A geomorfologia que domina esta ampla área é, apesar de tudo, relativamente monótona: formações rochosas antigas (granitos, xistos, quartzitos - pontualmente basaltos, em zonas de antigo vulcanismo), por vezes com altitudes muito elevadas e oferecendo uma morfologia enrugada, são separadas do mar por cordões descontínuos de

formações calcárias que emergiram, empurradas por processos tectónicos, no Secundário; este relevo, a partir do Terciário vai sendo cortado por uma rede fluvial cada vez mais complexa, que se vai encaixando em vales que, no caso dos grandes rios mediterrânicos, tendem a formar deltas no seu contacto com o mar; estes rios, no seu processo de encaixamento, vão ocasionalmente consentindo a formação de terraços (processo semelhante ao da formação das praias levantadas no litoral marinho).

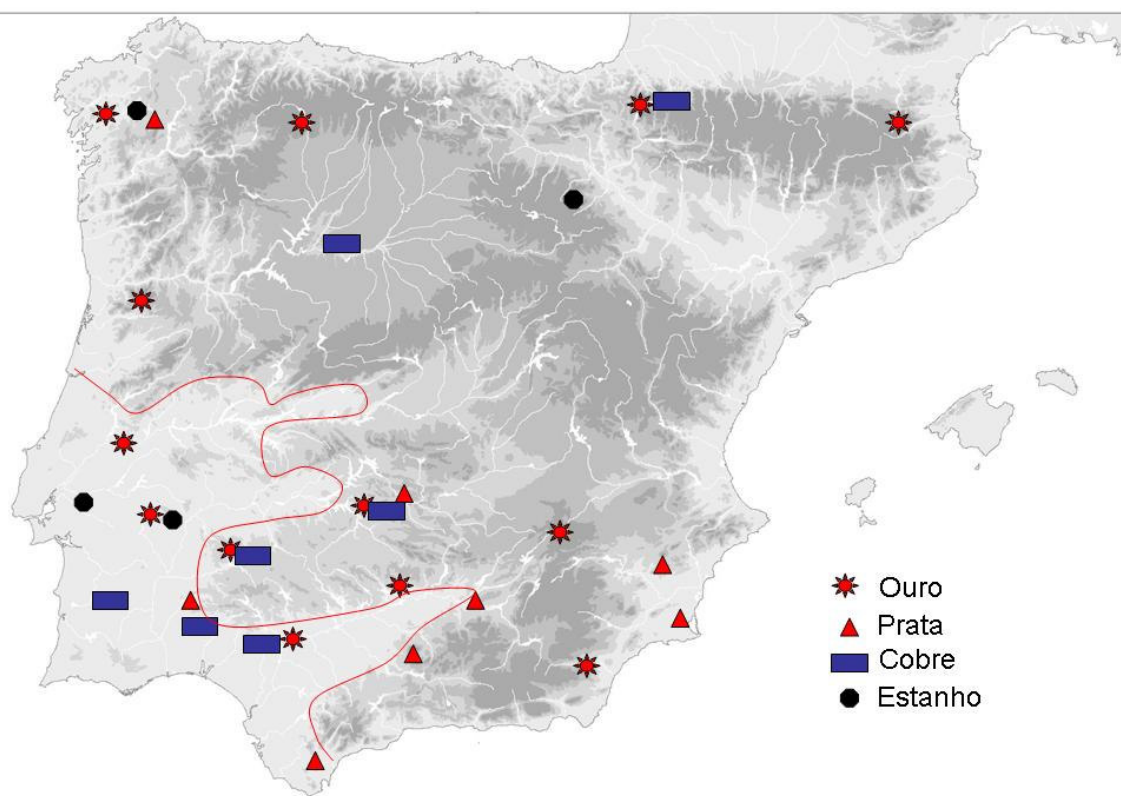
Todo este cenário é complicado por processos de origem tectónica, particularmente activos numa área que marca o contacto entre as placas africana e euro-asiática. Do ponto de vista climático, a área mediterrânica é temperada: ela surge-nos hoje mais seca na margem africana do que na europeia, mas o essencial, do ponto de vista das ocupações humanas, é perceber que o Mar Mediterrâneo sempre tendeu a agir como um factor de moderação climática na transição entre os continentes, levando a um contraste das zonas costeiras com as de interior (com clima mais continental, marcado por maiores amplitudes térmicas e contrastes sazonais). É esta moderação que foi atraindo grupos humanos desde cedo, e que lhe foi conferindo uma certa unidade histórica, que ainda hoje se observa. Os comportamentos adaptativos das comunidades humanas não podiam variar de forma exagerada neste contexto e, o que é mais importante, nas suas eventuais deslocações os grupos humanos podiam reconhecer o “ar de família” das diferentes paisagens.

A Península Ibérica oferece, à sua escala, esta diversidade essencial do Mediterrâneo, mas tem o interesse particular de ser, também, um território de transição e contacto entre o Mediterrâneo e o Atlântico, ainda que a fachada Atlântica da Península seja no essencial semelhante à Mediterrânica (com a significativa diferença de os seus grandes rios desembocarem em estuários e não em deltas).

No Ocidente peninsular podemos identificar três grandes unidades geomorfológicas: a Leste, e de facto na maior parte do território, domina o chamado maciço antigo, com xistos, granitos, gneiss e cordões de quartzitos; este complexo é separado do Atlântico, em algumas zonas, por formações calcárias que se ergueram no Secundário, e de que se destacam o maciço

calcário Estremenho a Ocidente e as Serras Algarvias a Sul; no Terciário e Quaternário foi-se instalando a rede hidrográfica que configurou os vales.

Nesta construção do território Ocidental, uma primeira divisão morfológica pode ser assinalada entre o território a Norte do Tejo (mais montanhoso, mais húmido, com solos hoje mais ricos) e a Sul desse que é o maior rio da fachada Ocidental (mais plano, mais seco, mais “Mediterrânico”). Outro contraste importante é entre as faixas costeiras (de clima mais temperado) e as que lhes sucedem para o interior (dado que cadeias montanhosas, de idades diversas, rapidamente atenuam a influência moderadora do Atlântico sobre o clima, propiciando regimes de tipo mais “continental”). Um terceiro é a grande micro-variabilidade do território, com a formação de diversas sub-regiões ecológicas, por vezes de exígua dimensão, o que é relevante para as ocupações humanas (por um lado amplia a diversidade de recursos disponíveis em curtas distâncias, mas por outro favorece o isolamento dos grupos humanos e o desenvolvimento de características culturais segregadoras).



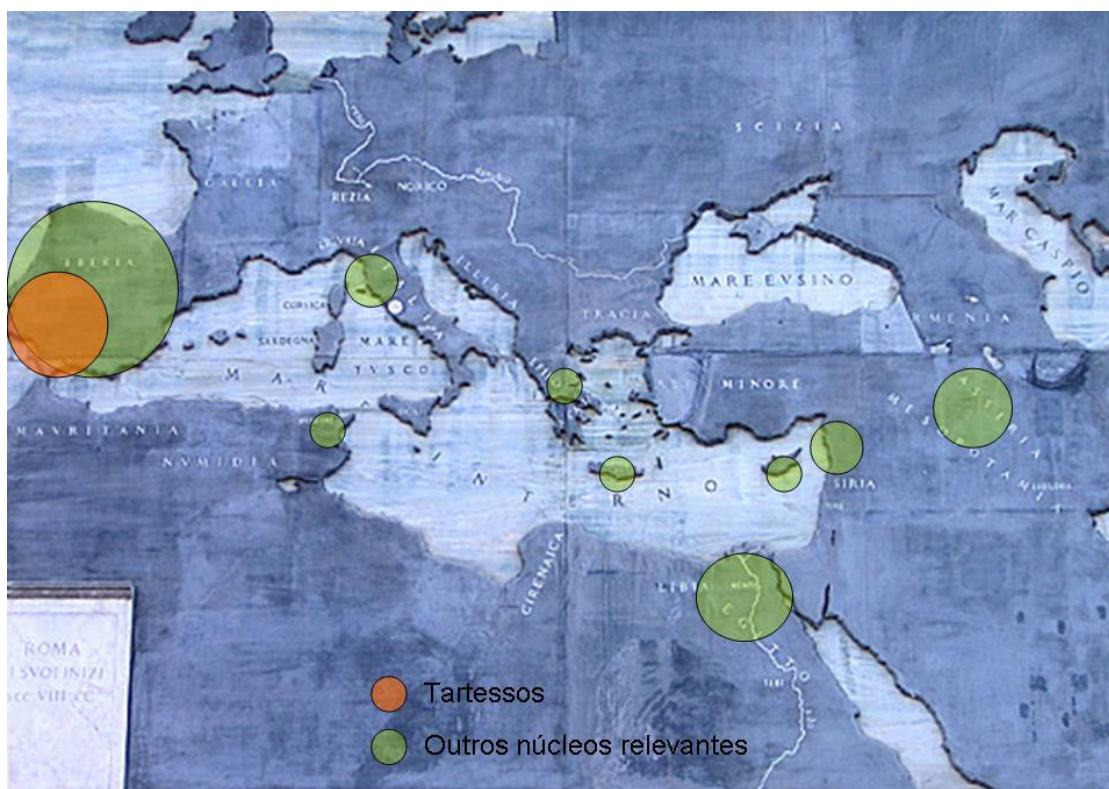
O Sudoeste Peninsular e principais jazidas minerais exploradas na antiguidade

A bacia do Tejo-Sado, o vale do Guadiana e, mais para leste, o vale do Guadalquivir, constituem as principais rotas de ligação entre o litoral e o

interior no Sudoeste, facultando o acesso a territórios aplanados, onde abundam os recursos naturais (xistos, granitos, calcários, e correlatas associações faunísticas e botânicas). Esta é, também, uma área onde abundam os recursos metálicos, sobretudo o cobre, o estanho e o ouro.

Principais núcleos a considerar

Somos de opinião que o MIAA poderá estruturar-se em torno a 9 grandes temas ibéricos que, entre si, permitem oferecer ao visitante uma perspectiva coerente do Sudoeste Península e das suas conexões Mediterrânicas. Estes 9 temas ibéricos devem ser articulados com diversos temas extra-peninsulares.



Expressão geográfica da Coleção Estrada (excepto Extremo Oriente)

Núcleo 1 - O Mundo Mediterrânico e o Sudoeste Peninsular

Justifica-se que o primeiro núcleo situe os visitantes no espaço, introduzindo o contexto geológico e geomorfológico do Sudoeste Peninsular, no seu contexto Peninsular, Mediterrânico e Atlântico.

Esta introdução deve recorrer mais a imagens que a textos, muito embora se justifique o recurso a citações clássicas que evoquem a longa formação e autonomização da região.

Não será um núcleo estruturado por objectos e sim por mapas e fotografias, ainda que possa ser ilustrado por algumas peças da colecção.

A introdução ao espaço pode ser acompanhada de uma introdução às sequências crono-culturais.

Núcleo 2 - Os primeiros habitantes

A Colecção Estrada possui um conjunto significativo de objectos líticos atribuíveis a distintos momentos do Pleistoceno. Não se tratando de um dos núcleos fundamentais da colecção, permite contudo construir um discurso diacrónico desde as origens do povoamento humano do Ocidente peninsular.

Este núcleo poderá focar as questões relacionadas com a exploração dos recursos naturais, os mecanismos de adaptação e as inovações tecnológicas. Sugere-se que o núcleo se desenvolva até aos alvares do agro-pastoralismo, cobrindo todas as sociedades de caçadores-recolectores.

NOTA: Neste âmbito poderá ser incorporado um molde do perfil estratigráfico da estação paleolítica da Ribeira da Atalaia, que encerra as mais antigas ocupações humanas em Portugal. O molde permitirá uma compreensão mais fácil, para os visitantes, dos processos no Pleistoceno.

Núcleo 3 - O agro-pastoralismo

A colecção inclui alguns objectos atribuíveis aos inícios do agro-pastoralismo. É importante que os visitantes compreendam a ruptura importante que se começa a definir com a transição para as sociedades camponesas, o que implica uma explicação, também, das modificações climáticas e ambientais que as propiciam.

Neste núcleo justifica-se uma explicação sobre a génese da navegação no Mediterrâneo, para que o visitante compreenda o longo processo de

aprendizagem que subjaz à “explosão civilizacional” que irá constatar postareiormente.

NOTA: Neste âmbito tem sentido incorporar um molde e reconstrução do habitat pré-histórico da Amoreira (Rio de Moinhos, Abrantes), cujas indústrias têm bons paralelos na Colecção Estrada.

Núcleo 4 - A prefiguração do território. O Megalitismo e o Calcolítico

O megalitismo, sobretudo na sua fase plena, calcolítica, é o primeiro núcleo forte da Colecção Estrada. Trata-se de um núcleo que integra excelentes exemplos dos principais objectos votivos do IV e do III milénios (cilindros, lúnulas, enxós votivas, pendentes, placas ...), em distintas matérias primas (calcário, xisto, ouro...). É um conjunto muito coerente, com claro interesse nacional (e supra-nacional).

Com este núcleo é possível explicar a formação das primeiras redes estáveis de intercâmbio que ligam o Ocidente da Península ao Sudeste, ou seja, a construção dos itinerários que unem as bacias do Guadalquivir, Guadiana e Tejo-Sado.

NOTA 1: Neste âmbito tem sentido incorporar um molde de arte rupestre do complexo do Tejo e outro do Guadiana, pois a arte rupestre é o principal sinalizador territorial, junto com os monumentos megalíticos, destes percursos do Sudoeste.

NOTA 2: Paralelamente, serão organizadas “janelas” sobre o Mediterrâneo neste período, aproveitando peças da Colecção Estrada

Núcleo 4.1. - Suméria

Núcleo 4.2. - Síria

Núcleo 5 - Do conflito à fissão social: O II milénio A.C.

O II milénio assiste, na Europa central e oriental, à emergência das sociedades guerreiras. Esse processo, na Península, é mais tardio. Com efeito, contrariamente às longitudes orientais, onde a um Calcolítico “barroco”

sucedem sociedades fortemente hierarquizadas, no ocidente peninsular há uma aparente desagregação das redes de intercâmbio. É importante que o visitante entenda que os processos históricos, ainda que interligados no mundo mediterrânico e euro-asiático, possuem ritmos diversos e, por vezes, progressões não lineares e, mesmo, retrocessos. Neste núcleo, mais do que o acervo peninsular, são relevantes os contextos. Tratar-se-á de um núcleo essencialmente documental e breve.

Núcleo 6 - A emergência das sociedades hierarquizadas

No último quartel do II milénio, a intensificação da exploração de metais peninsulares terá acelerado a organização de redes de povoamento e intercâmbio. Essas redes vão manter duplas afinidades, por um lado com a Europa Atlântica (de influência céltica) e por outro lado com o Mediterrâneo. A realidade peninsular é ainda muito distante da do Mediterrâneo oriental, mas começa a complexificar-se. A Colecção Estrada possui bons exemplares que testemunham este processo, quer na Península quer fora dela.

NOTA: Cabe como contexto cronológico deste núcleo o excelente conjunto de peças Shang, cronologicamente situáveis no final do II milénio. O contraste com os acervos peninsulares, que documentalmente também se deve sublinhar para outras zonas do Mediterrâneo, será muito marcante.

Núcleo 7 - O período Orientalizante (núcleo central do MIAA)

A intensificação das relações comerciais, sobretudo ligadas à exploração mineira, começa a consolidar centros de organização político-administrativa no interior da Península, que se irão articular com os comerciantes que vão permanecendo no litoral. É nesta lógica que se observam três etapas essenciais, bem documentadas na Colecção Estrada, em torno de Tartessos:

Núcleo 7.1. Uma fase inicial, que corresponde aos finais do II milénio e aos primeiros dois séculos do I milénio, durante a qual é forte o

impacto fenício (a fundação de Cádiz data do século XI) mas se pode reconhecer uma dinâmica indígena igualmente estruturante;

Núcleo 7.2. Uma fase de clara dominação fenícia, sobretudo após a fuga de Tiro e Sídón em direcção á Península, sob pressão da Assíria, no século VII, na qual artefactos gregos (proto-coríntios, áticos, coríntios,...) estão já presentes (até ao século VI);

Núcleo 7.3. Uma fase de domínio grego, (finais do século VI e século V).

NOTA: Este núcleo será contextualizado com diversos “divertículos” que ilustram, com excelentes objectos, realidades coevas em Chipre, Egipto, Fenícia, Cartago, Assíria, Etrúria e o mundo céltico.

Núcleo 8 - Lusitânia e o mundo romano

Após a desagregação do reino de Tartessos, a Península mantém o domínio grego até à expansão romana. A Colecção Estrada possui um importante acervo que documenta distintas fases desta expansão, que poderão ser agrupadas cronológica e tematicamente.

Núcleo 9 - A Península Paelocristã e Muçulmana

Os importantes conjuntos da Colecção Estrada correspondentes aos períodos paleocristão e ao domínio muçulmano, permitem ilustrar a consolidação final das dinâmicas territoriais peninsulares, que apenas num momento final, já quando da reconquista, irá formalizar a autonomização político-administrativa da faixa ocidental, construída de Norte para Sul, com um recorte pela primeira vez desarticulado com a configuração geomorfológica e em descontinuidade com os últimos três mil anos.

Pontos fortes e aspectos a colmatar

Reconhecem-se como principais pontos fortes da Colecção Estrada:

- O ineditismo de grande parte do acervo, que constitui uma grande descoberta arqueológica;
- O acervo correspondente ao núcleo 4 (Megalitismo e Calcolítico);
- O acervo chinês (Shang), que oferece um “contra-ponto” à Idade do Bronze peninsular (datável dos finais do II milénio A.C.);
- O acervo correspondente ao núcleo 7 (Tartéssico), que é o mais relevante do ponto de vista patrimonial e científico;
- O acervo correspondente ao núcleo 8 (Romanização);
- O acervo correspondente ao núcleo 9 (Alta Idade Média);
- Os diversos acervos mediterrânicos extra-peninsulares.

No entanto, há alguns aspectos que deverão ser colmatados na organização da exposição e, globalmente, do Museu:

- Os núcleos 2 e 3, que poderão ser reforçados com moldes da região;
- A menor representação da Idade do Bronze inicial e médio (núcleo 5), a superar através de textos de ligação.



Luiz Oosterbeek
21.12.2007